

BIOARQUEOLOGIA DO INDIVÍDUO EXUMADO DO SÍTIO CUCUÍRA – PONTA DE PEDRAS, PARÁ, BRASIL

BIOARCHAEOLOGY OF THE INDIVIDUAL EXHUMED FROM THE
ARCHAEOLOGICAL SITE OF CUCUÍRA – PONTA DE PEDRAS, PARÁ, BRAZIL

Claudia Minervina Souza Cunha
Wagner Fernando Veiga
Anna Bárbara Silva
Felipe Damasceno e Silva

Como citar este artigo:

CUNHA, Claudia Minervina Souza; VEIGA, Wagner Fernando; SILVA, Anna Bárbara; SILVA, Felipe Damasceno e. Bioarqueologia do Indivíduo Exumado do Sítio Cucuíra – Ponta de Pedras, Pará, Brasil. Cadernos do Lepaarq, v. XVIII, n.36, p. 280-302, Jul-Dez. 2021.

Recebido em: xx/xx/2021

Aprovado em: xx/xx/2021

Publicado em: xx/xx/2021

ISSN 2316 8412

Bioarqueologia do Indivíduo Exumado do Sítio Cucuíra – Ponta de Pedras, Pará, Brasil

Bioarchaeology of the individual exhumed from the archaeological site of Cucuíra – Ponta de Pedras, Pará, Brazil

Claudia Minervina Souza Cunha^{a,b}
Wagner Fernando Veiga^c
Anna Bárbara Silva^d
Felipe Damasceno e Silva^e

Resumo:

O Sítio Cucuíra, localizado em Ponta de Pedras (Pará) produziu um contexto funerário culturalmente associável à ocupação Marajoara da Ilha que é aqui analisado nos aspectos paleobiológicos e funerários. Neste contexto parte dos ossos de um indivíduo robusto adulto foram inumados em enterramento secundário em urna cerâmica. Ao lado da urna e em alinhamento com 4 vasilhas votivas, foi depositado um crânio humano com mandíbula em conexão anatômica. Esta disposição não encontra paralelo nos contextos funerários Marajoara, podendo remeter a outras possibilidades interpretativas sobre a pertença (ou não) do crânio ao indivíduo inumado na urna e à possível objetificação deste em posição sinonímica em relação aos objetos votivos. A análise dos remanescentes humanos evidencia condições patológicas no indivíduo, particularmente no que diz respeito a um processo infeccioso no osso mandibular.

Abstract:

This study addresses a funerary context associated to the Marajoara culture which was exhumed from the archaeological site of Cucuíra located in Ponta de Pedras (Pará). Part of the skeleton of a robust adult individual were buried in a ceramic pot as a secondary deposition. Next to the funerary urn for ceramic vases and a human skull articulated with a compatible mandible were deposited. The literature on Marajoara funerary contexts does not register a similar pattern of deposition and it raises the question of the relationship between the skull and post cranial bones as well as the possible objetification of the skull placed in similar position to the votive objects of the funerary pack. The analysis of the human remains has evidenced pathological conditions mainly concerning oral health.

Palavras-Chave:

Bioarqueologia; Marajó; Antropologia Funerária; Inumação Secundária

Keywords:

Bioarchaeology; Marajó; Funerary Anthropology; War trophies

^a Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Piauí. <https://orcid.org/0000-0002-5073-1704>. claudiacunha@ufpi.edu.br (autor correspondente).

^b Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra.

^c Inside Consultoria Científica, Ltda. <https://orcid.org/0000-0001-8476-1007>. wagnerveiga67@yahoo.com.br.

^d Inside Consultoria Científica, Ltda. <https://orcid.org/0000-0001-9106-8796>. annabarao@gmail.com.

^e Inside Consultoria Científica, Ltda. <https://orcid.org/0000-0001-9293-8458>. felipedamasceno33@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Os remanescentes humanos ameríndios provenientes do Sítio Cucuíra foram escavados em laboratório a partir seis blocos de sedimento recolhidos em campo contendo materiais arqueológicos durante ação de resgate arqueológico no âmbito do Programa de Salvamento Arqueológico da Área de Influência da LT Marajó, Sítios Cucuíra e Praia de São Pedro, Município de Ponta de Pedras – PA em 2017.

O sítio localiza-se nas margens do igarapé homônimo, a 2 Km da sede do município (Mapa 1), na Ilha de Marajó, a pouca distância de sítios arqueológicos importantes - a 2,5 km do Sambaqui de Panema e a 3,5 km do sítio Praia de São Pedro, no lado leste da ilha. A paisagem do Marajó com cerca de 50.000 km² é marcada pela presença de rios, córregos e canais, sendo marcadamente influenciada pelo regime anual que alterna períodos de alta precipitação pluviométrica e subida dos rios com períodos de seca. No período das águas, a parte centro-oriental da Ilha de Marajó transforma-se numa planície alagada onde despontam pequenas elevações naturais ou artificiais que permanecem acima da cota de inundação (LISBOA, 2012). No período da seca, a vegetação é do tipo savana dominada por gramíneas.



Mapa 1 – Localização do Sítio Cucuíra (ponto vermelho) em relação à região nordeste da Ilha do Marajó onde se concentram a maior parte dos sítios conhecidos da cultura Marajoara.

O Sítio Cucuíra é caracterizado por um pacote estratigráfico de “Terra Preta Antropogênica” (TPA) significativo com cerca de 60 cm de espessura. A TPA resulta da antropização de solos naturais que, mediante manejo humano. São solos escuros, enriquecidos com nutrientes apresentando altos teores de carbono orgânico, fósforo, cálcio, magnésio, zinco e manganês em contraste com os solos naturais (KÄMPF *et al.*, 2010) e apresentam abundância de materiais arqueológicos indígenas (principalmente cerâmicas). A profundidade do depósito de TPA no Sítio Cucuíra possivelmente resulta de uma ocupação de longa duração favorecida pela proximidade com o Igarapé Cucuíra de águas límpidas. A região também oferece outros recursos nas imediações como fontes de argila de boa qualidade, abundância de árvores frutíferas nativas (também visitadas pela fauna nativa) e acesso a fontes de recursos aquáticos (VEIGA E SILVA *et al.*, 2017). Estas características favorecem a presença humana na região.

O sítio encontra-se ocupado por população atual que se beneficia da fertilidade do solo em TPA para o cultivo das suas hortas. A superfície é caracterizada por um palimpsesto de materiais Contemporâneos e cultura material arqueológica Colonial/Histórica e Pré-colonial. Nos níveis arqueológicos preservados, encontram-se materiais indígenas, nomeadamente cerâmicas tipologicamente associáveis à Cultura Marajoara (Figura 1) (VEIGA E SILVA *et al.*, 2017).



Figura 1 – Fragmento de cerâmica Marajoara com decoração excisa encontrada no Sítio Cucuíra.

A cultura Marajoara ocupou a porção oriental da Ilha de Marajó (Mapa 1, acima) por um extenso período (c. 70 BC-1600 cal. AD) sendo o seu apogeu entre 700-1000 cal. AD, quando os sítios apresentam maior complexidade cultural, maior população e evidências de organização social em grandes chefaturas (SCHAAN, 2004).

Os sítios Marajoara são caracterizados pela presença de abundante cerâmica elaborada, grande parte da qual decorada e que tipologicamente enquadra-se na grande Tradição Polícroma Amazônica (MEGGERS e EVANS, 1961). Os tipos de decoração mais frequentes são padrões incisos ou excisos (Figura 2) e decoração policroma pintada, geralmente aplicada sobre uma base em engobo branco (Figura 3). A fase ou cultura Marajoara foi identificada por Meggers e Evans (1957) no seu estudo sistemático da região e tem sido tema de pesquisa sistemática nas últimas décadas (ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2001, 2003, 2004 e 2008; CUNHA, 2015) gerando um corpo sólido de conhecimento arqueológico.



Figura 2 – Banco Marajoara em cerâmica com decoração excisa. Foto: Nigel Smith, Acervo: Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).



Figura 3 – Tanga Marajoara em cerâmica com decoração pintada sobre superfície engobada em branco. Foto: Nigel Smith. Acervo: MPEG.

Os grandes sítios de ocupação, associáveis aos centros de poder político-econômico local, são marcados pela construção de grandes tesos (aterros) com até 90 ha. de área e 20 m de altura que constituem alterações da paisagem nas planícies do interior da Ilha (ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004 e 2008). As autoras sugerem que apenas o trabalho organizado da comunidade como um todo, sob controle político da elite, poderia empreender a movimentação de terra e construção a esta escala. Schaan (2004) ressalta que tesos de maiores dimensões onde se localizam os cemitérios da elite estariam associados a lugares estratégicos economicamente como viveiros artificiais para o manejo de fauna aquática. Schaan (2001, 2004 e 2008). Roosevelt (1991) também atribui a produção ou uso da cerâmica mais sofisticada aos ocupantes dos cemitérios de elite presentes nos maiores tesos. Diferenças na quantidade e qualidade dos itens do pacote funerário dos indivíduos também são notáveis entre os que foram exumados de tesos centrais em comparação com os que provêm de cemitérios em tesos periféricos (MEGGERS e EVANS, 1961; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004).

O tratamento funerário dispensado aos mortos na cultura Marajoara é variado, podendo consistir tanto em inumações primárias quanto secundárias ou cremações depositadas em urnas ou diretamente no solo. Esta variabilidade pode ocorrer sincronicamente e a nível intra-cemitério. As inumações tendem a ter um baixo número de indivíduos por túmulo, sendo as deposições indivi-

duais mais frequentes (MEGGERS e EVANS, 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004 e 2008). Os enterramentos localizam-se em cemitérios organizados contendo um número alto de sepultamentos, agrupados em conjuntos de três a quatro urnas com vasos votivos menores às vezes servindo como parte do enxoval funerário (MEGGERS e EVANS, 1957).

Itens valiosos, como por exemplo, líticos feitos com matéria prima importada ou grandes urnas funerárias aparecem em pacotes funerários de indivíduos de ambos os sexos e diferentes classes etárias. Schaan (2001 e 2004) sugere que o acesso a esses bens independe de fatores intrínsecos aos indivíduos, refletindo antes a sua posição social em função do pertencimento a uma elite, clã ou casta privilegiada dentro da sociedade. A profusão de cerâmica sofisticada e altamente decorada associada aos contextos funerários, principalmente nos enterramentos da elite seria um elemento identificativo do indivíduo a nível comunitário (socioeconômico), familiar e político (SCHAAN, 2001). Executada sob um código pré-determinado e relativamente rígido, ela funcionaria como elemento agregador e simbólico da comunidade, expressando a ideologia dos grupos no poder regional (SCHAAN, 2003).

MATERIAIS E MÉTODOS

No Sítio Cucuíra foram abertas 44 unidades de escavação de 1 m², dispostas em malha de escavação. Os materiais componentes do contexto funerário chegaram ao laboratório acondicionados em seis blocos de sedimentos provenientes das três unidades contíguas, as únicas a conter materiais funerários no sítio. Estes estavam em um estrato de deposição entre 30 e 50 cm de profundidade.

A recolha deste material em blocos foi motivada pela observação de que a decapagem dos níveis artificiais evidenciou materiais osteológicos e a presença de um grande vaso (VEIGA E SILVA *et al.*, 2017). Considerando-se a necessidade de uma abordagem bioarqueológica desses materiais funerários, optou-se pela sua escavação em laboratório. Para investigar se haveria material osteológico humano em outras unidades de escavação, analisou-se também todo o material osteológico proveniente da intervenção no sítio.

A escavação em laboratório dos blocos teve em consideração níveis artificiais de 5 cm de profundidade envolvendo registro fotográfico do topo de cada nível e de eventuais achados significativos.

O estudo laboratorial do material osteológico envolveu uma abordagem não invasiva baseada em observações macro- e microscópicas, estas últimas com o uso de um microscópio Zeiss™ Stemi V5.

O registro das alterações tafonômicas observadas sobre os remanescentes humanos foi feito por observação macroscópica segundo abordagens sintetizadas por Knüsel e Robb (2016).

O Número Mínimo de Indivíduos (NMI) foi estabelecido a partir do cruzamento de dados a dois níveis: (1) a repetição da peça óssea mais frequente na amostra associada à análise excludente de parâmetros biológicos como compatibilidade/incompatibilidade entre ossos e entre dentes e, (2) possíveis diferenças na maturação dos ossos incluídos na amostra (HERRMANN *et al.*, 1990, modificado por SILVA, 2002).

A estimativa de idade à morte foi feita a partir da aferição do grau de maturidade dos ossos e dentes e senescência óssea segundo metodologias compiladas em Schaefer *et al.* (2009) e White

et al. (2012), assim como do grau de calcificação e erupção dentária segundo metodologia proposta por AlQahtani e colaboradores (2010).

As evidências paleopatológicas e de estresse fisiológico foram identificadas e, quando possível, analisadas na perspectiva de elaboração de diagnóstico diferencial de condições patológicas (WALDRON, 2009; HILLSON, 1996), enquanto o desgaste dentário foi registrado seguindo metodologia proposta por Smith (1984).

RESULTADOS

O bloco 1 continha sedimentos e a maior parte de um crânio humano (neurocrânio e fragmentos de maxilares) com mandíbula em posição anatômica sem qualquer evidência de deposição em contentor cerâmico. Os ossos humanos contidos neste bloco foram depositados ao lado da urna funerária, juntamente com pequenos vasos votivos que faziam então parte integrante do pacote funerário (Figura 4). Apesar de bastante fragmentados, foi possível identificar fragmentos de ossos compatíveis com um único crânio e uma única mandíbula, além de dentes superiores e inferiores consistentes com uma única dentição de indivíduo adulto.



Figura 4 – Fragmentos de crânio humano (em primeiro plano), juntamente com vasos votivos depositados ao lado da urna funerária exumada do Sítio Cucuíra.

No início da escavação em laboratório, observou-se que o bloco 2 continha em seu interior dois recipientes cerâmicos: uma urna e outra vasilha menor que fora utilizada como tampa. A vasilha menor (Figura 5) apresenta forma aberta, contorno composto e corpo carenado, diâmetro de abertura de 20 cm, 15 cm de altura com borda do tipo vazada, lábio arredondado e base convexa. Toda a cerâmica recolhida do contexto funerário foi feita por acordelamento. No caso da tampa, após o alisamento da superfície, as paredes internas e externas foram revestidas por engobo branco hoje bastante escurecido por ação tafonômica do sedimento.



Figura 5 – Tampa da urna funerária após restauro da cerâmica.

A urna funerária (Figura 6) apresenta forma aberta, contorno composto e corpo no formato carenado. O diâmetro de abertura vasilha é 65 cm por 18 cm de altura. Apresenta borda do tipo extrovertida, lábio plano e base convexa. Ela tem decoração pintada em ambas as superfícies. Na superfície externa a região da carena foi engobada em vermelho formando uma faixa. Na superfície interna a parte do lábio e da borda foi revestida por engobo branco (atualmente escurecido por alterações tafonômicas) e sobre este foi aplicada pintura polícroma vermelha e preta formando linhas paralelas. Este foi o único vasilhame cerâmico contendo ossos humanos deste conjunto.



Figura 6 – Urna funerária após restauro da cerâmica.

Quatro blocos de sedimentos escavados em laboratório continham pequenas vasilhas cerâmicas (Figura 7) entre 12 e 17 cm de altura e entre 14 e 16 cm de diâmetro. Três destes vasos não apresentam decoração nem tampa. Ao contrário da urna funerária e a sua tampa, as vasilhas menores apresentam evidências de exposição ao fogo na superfície externa. A sua escavação não evidenciou qualquer material osteológico ou itens de cultura material em seu interior.



Figura 7 – Pequeno vaso cerâmico que acompanhava a urna funerária do Sítio Cucuíra.

O último bloco continha uma vasilha de forma aberta e paredes finas, contorno simples e corpo no formato de meia calota com borda direta, lábio arredondado e base convexa. O diâmetro de abertura deste vaso é 24 cm com 12 cm de altura. É possível observar decoração pintada nas suas superfícies. Na superfície externa apresenta engobo vermelho na base e o corpo com decoração polícroma (engobo branco com pintura vermelha e preta) formando motivos conhecidos na bibliografia como “redemoinhos na água” (SCHAAN, 2001, p. 128). A superfície interna é revestida por engobo branco com decoração polícroma (pintura preta e vermelha) formando linhas paralelas próximas ao lábio.

Foi recolhido material faunístico do sítio Cucuíra em diferentes unidades de escavação. Contudo, as unidades de onde foram escavados os remanescentes humanos não produziram material osteológico não humano. Embora não venhamos a discutir este material em detalhes, observou-se que a maior parte dos fragmentos faunísticos era de origem malacológica, seguidos pelos restos de mamíferos, sendo a avifauna e os quelônios raros. Do material faunístico 15,26% apresentam sinais de exposição ao fogo com diferentes graus de intensidade que variam desde fragmentos enegrecidos resultantes de queima a baixa temperatura por pouco tempo a outros completamente calcinados.

O processo de escavação da urna funerária revelou dois fêmures humanos compatíveis com um mesmo indivíduo depositados alinhados entre si e ligeiramente inclinados em direção ao centro da vasilha logo abaixo da tampa da urna funerária (Figura 8). Abaixo destes em sobreposição aparecem duas tíbias de lateralidades opostas com características anatômicas, indícios patológicos (evidências de periostite) e grau de maturação que sugerem serem de um mesmo indivíduo. As tíbias também estavam alinhadas, mas cruzadas em relação aos fêmures. O restante dos ossos humanos recuperados do interior da vasilha estava abaixo desta composição com ossos longos. Não havia fragmentos de crânio ou mandíbula dentro da urna. Este padrão de organização – ossos desarticulados, reorganizados e supressão/inexistência de determinados ossos, caracteriza a inumação secundária dos remanescentes humanos aqui analisados.



Figura 8 – Fêmures humanos (direito e esquerdo) localizados no topo do depósito funerário.

Do bloco de sedimentos que envolvia o crânio e da urna funerária foram recuperados 32 fragmentos de ossos humanos com dimensões superiores a 2 cm² e 11 dentes compatíveis com uma única dentição de indivíduo adulto, não havendo ossos humanos nas vasilhas menores. A compatibilidade dentária é verificável pela consistência nos graus de desgaste, uniformidade de coloração do esmalte, facetas de desgaste interproximal compatíveis em dentes contíguos e não repetição de peças dentárias. No caso dos dentes cujos antagonistas estão presentes na amostra os graus de desgaste são equivalentes e as faces de desgaste oclusal emparelham, sugerindo antagonismo anatômico.

No que se refere aos remanescentes humanos, os ossos longos encontram-se pouco fragmentados (Figura 9) considerando-se as condições de preservação expectáveis em solo ácido e úmido em região de floresta tropical equatorial (SOUZA e RODRIGUES-CARVALHO, 2013). As regiões ósseas com maior proporção de osso trabecular são as mais afetadas por alterações tafonômicas neste material. O crânio foi particularmente afetado por fragmentação uma vez exumado do solo saturado em umidade.



Figura 9 – Fêmur esquerdo exumado do interior da urna funerária. Observa-se a preservação da maior parte do osso, exceto as diáfises proximal e distal.

Não foram identificados sinais de meteorização nos ossos humanos. Da mesma forma, estão ausentes sinais de descarnamento ativo ou evidências de ação de fauna necrófaga vertebrada. Por outro lado, observou-se a ação tafonômica de raízes, bem como fragilização do crânio e de regiões de osso trabecular por saturação de água no solo onde o material foi depositado.

Estão presentes nesta amostra elementos do esqueleto craniano (fragmentos dos temporais, maxilares, da mandíbula e de ossos da caixa craniana) e pós-craniano (fragmentos de *tali*, ulnas, tíbias, fêmures e ossos do tarso), embora seja notável a ausência de determinadas partes do esqueleto como vértebras, escápulas, costelas, coxais, ossos carpais, falanges, úmeros e rádios. A destruição tafonômica não parece explicar essa ausência por si só, já que elementos como ambos os *tali* foram recuperados durante escavação em laboratório enquanto ossos maiores como os úmeros não foram. Isto pode sugerir algum tipo de seleção de peças ósseas a serem submetidas à inumeração secundária.

A análise dos ossos humanos aponta para um NMI de um indivíduo apenas, não havendo a repetição de peças ósseas identificáveis ou de incompatibilidade entre ossos. Devido à ausência de fragmentos dos ossos coxais e à intensa fragmentação dos ossos do crânio, não foi possível realizar a diagnose sexual. Contudo ressalta-se que se trata de um indivíduo bastante robusto. A população Marajoara tende a demonstrar acentuado dimorfismo sexual (CUNHA, 2015), sendo os indivíduos do sexo masculino consideravelmente mais robustos com linhas de inserção muscular mais marcadas que os do sexo feminino.

Não foi possível estimar a idade à morte uma vez que todos os ossos e dentes recuperados são plenamente maduros. Contudo, o fato de o indivíduo apresentar os terceiros molares completamente formados e relativamente desgastados sugere tratar-se de um adulto acima dos 20 anos de idade à morte (Figura 10).



Figura 10 – Molares superiores esquerdos articulados em fragmento de maxilar.

Devido às alterações tafonômicas e ao caráter incompleto intrínseco às amostras osteológicas de origem arqueológica, o diagnóstico de patologias nem sempre é possível. Contudo, observou-se a presença de estrias longitudinais em ambos os fêmures e em ambas as tíbias em mais de três terços da extensão vascularizada do perióstio no aspecto anterior desses ossos. Estas estrias são consistentes com formação de osso novo associado a insultos físicos ao perióstio (Figura 11), o que confere à superfície óssea a aparência de casca de árvore (*bark*) segundo Mann e Hunt (2005: 157-158). Uma série de processos patológicos ou traumas podem causar tal formação, como reação a processos infecciosos, neoplasias, trombose venosa, rompimento ou estresse periostal (WESTON, 2008).



Figura 11 – Região do fêmur direito afetada por periostite ativa.

Foram recuperados 11 dentes permanentes e fragmentos de mandíbula e maxilar compatíveis com um único indivíduo. O desgaste dentário médio observado neste conjunto é alto (4,4/0-8) (Tabela 1) de maneira geral, com a maioria dos dentes apresentando perda significativa de parte da coroa dentária. Este padrão de desgaste intenso é recorrente nas amostras de populações ceramistas regionais (CUNHA, 2015). É notável também a presença de desgaste levemente assimétrico dos terceiros molares. Apenas uma única cárie de pequenas dimensões foi observada na amostra, isto contudo é expectável uma vez que séries com alta frequência de desgaste tendem a apresentar poucas cáries, pois o primeiro tende a ter correlação negativa com o segundo (HILLSON, 1996), embora Wesolowski (2007) em seu trabalho sobre séries sambaqueiras do Litoral Norte de Santa Catarina tenha estudado séries indígenas brasileiras em que a correlação entre desgaste mais intenso e menor frequência de cáries não parece ser tão linear. A autora propõe que nesses casos haja processo formativo de lesões diferente no qual o desgaste não interfere como fator cariostático. Este processo seria iniciado por “uma lesão inicialmente pequena se instala no fundo de um sulco oclusal ou fóssula, ou ainda em área de exposição radicular; bactérias cariogênicas contaminam os túbulos dentinários dando início a uma cárie interna que aumenta de tamanho ao mesmo tempo em que mantém um aspecto externo reduzido (...). Na sequência, o desgaste dentário acaba por aplainar a superfície oclusal e sua progressão expande a(s) abertura(s) oclusal(is) da lesão cariosa conferindo-lhe(s) o aspecto arredondado e regular” (Wesolowski, 2007 p. 149).

Tabela 2 – Inventário de dentes humanos

N° Inv.	FDI	Cárie (n)	Cárie (Tam)	Cálculo	Cálc. (Loc)	Hipoplasia	Desgaste
CCR2a	37	0		5	LDB	0	6
CCR2c	18	0		2	B	0	
CCR13a	24	0					4
CCR13b	25	0					4
CCR13c	26	0					7
CCR13d	27	1	1	0		0	6
CCR13e	28	0		0			2
CCR14a	34	0					4
CCR14b	35	0					5
CCR15	16	0		1	L	0	7
CCR16	17	0		2	L	0	3

Cálculos dentários estavam presentes em 4 dentes embora em graus leves. A sua baixa severidade pode ser indicativa de uma dieta rica em elementos abrasivos, pobre em carboidratos ou do uso de medidas eficientes de higiene oral. Não foram identificados indícios de hipoplasias dentárias no material analisado.

Observou-se a perda *ante-mortem* do primeiro molar inferior esquerdo (Figura 12) com a destruição da parede alveolar no aspecto bucal e formação de osso canceloso novo na parede remanescente do alvéolo. Na parte inferior da lesão são observáveis o rebordo inferior de duas fístulas uma à altura do ápice da raiz mesial e outra na distal. A parede alveolar do segundo pré-molar e parte da parede do segundo molar apresentam superfície porosa em seu aspecto bucal consistente com a fragilização da região (MANN e HUNT, 2005) provocada pelo desenvolvimento de um abscesso nas proximidades que teria causado a perda óssea da parede alveolar do primeiro molar. O estágio incipiente de remodelação óssea sugere que esse processo infeccioso e a perda do dente provavelmente ocorreu nos últimos dois meses de vida do indivíduo (Morgan, 2011), como indicado por formação de osso novo incipiente, não tendo havido a regeneração completa do osso mandibular.



Figura 12 – Fragmento de mandíbula (nº de inv. CCR14) em vista bucal onde é observável a perda *ante mortem* do primeiro molar inferior esquerdo.

DISCUSSÃO

As vasilhas cerâmicas decoradas que compunham parte do pacote funerário e parte dos fragmentos escavados em outras unidades de escavação do sítio Cucuíra apresentam características clássicas da cerâmica Marajoara policroma cuja produção local situa-se entre os séculos XI e XVI (MEGGERS e EVANS, 1957 e 1961; SCHAAN, 2004).

Não parece haver associação direta entre a deposição funerária e os ossos de fauna analisados, na medida em que não aparecem elementos faunísticos nas vasilhas cerâmicas ou próximos a estas. A presença de ambos (fauna e deposição intencional de remanescentes humanos) na mesma região do sítio, porém, pode apontar para duas possibilidades interpretativas. A primeira seria a ocorrência de duas ocupações, uma de cariz doméstico, outra de cariz funerário, em momentos cronológicos diferentes num mesmo espaço. A segunda hipótese, remetendo para a possibilidade de os dois tipos de remanescentes biológicos derivarem de uma única ocupação, seria que o grupo que ocupou o sítio praticaria as inumações funerárias em espaço doméstico ou muito próximo a ele. Relatos etnográficos e etnohistóricos de populações indígenas amazônicas são consistentes com a proximidade entre vivos e mortos quer no que se refere ao lugar de enterramento dos remanescentes humanos, quer na manipulação destes no cotidiano dos vivos (CHAUMEIL, 2012; BELTRÃO *et al.*, 2015).

A proximidade entre o mundo doméstico e o funerário é reportada por trabalhos em sítios clássicos Marajoara. Os tesos serviriam tanto de local para a implantação de cemitérios, quanto para local de moradia com o estabelecimento de casas e o desenvolvimento de tarefas domésticas. Embora o sítio Cucuíra não esteja localizado em um teso, este padrão se mantém no local com evidências de atividades domésticas (preparação de alimentos e descarte de restos alimentares) em proximidade a contextos funerários.

No que se refere aos aspectos paleopatológicos abordados no estudo dos ossos humanos, a ausência de várias partes do esqueleto e as alterações tafonômicas limitaram a recolha de informações. Contudo, foram verificadas evidências de remodelação do osso cortical compatíveis com processos de regeneração óssea pós processo inflamatório do periósteo nos membros inferiores que podem indicar uma reação do organismo a traumatismo por esforço ou episódios patológicos (ORTNER, 2003) durante a vida deste indivíduo.

No caso de séries arqueológicas sujeitas a intensas alterações de natureza tafonômica, a dentição tem maior probabilidade de preservar evidências de processos patológicos ou de estresse fisiológico que acometeram os indivíduos em vida (SCOTT, 1997). A dentição aqui analisada apresenta desgaste dentário significativo e baixo número de cáries (apenas uma). Porém, nos últimos dois meses de vida, o indivíduo passou por um processo infeccioso que resultou na formação de um abscesso periapical e perda *ante-mortem* do primeiro molar inferior esquerdo. Cavidades no osso alveolar à altura do ápice radicular não são raros em material arqueológico (WALDRON, 2009), embora geralmente identificadas como “abscessos”, elas podem resultar de três tipos diferentes de lesões: cistos, granulomas periapicais e abscessos propriamente ditos. Todas resultam de processos infecciosos na polpa dentária, normalmente propiciado pela exposição desta a agentes infecciosos através de cáries (HILLSON, 1996; ORTNER, 2003; WALDRON, 2009). Um abscesso se forma quando há formação de pus dentro da cavidade de um granuloma (WALDRON, 2009). Em casos agudos, a parede alveolar é fragilizada ao ponto de que uma ou mais fístulas se formem com a liberação do pus para dentro da cavidade oral (principalmente no aspecto bucal/labial) (HILLSON, 1996; MANN e HUNT, 2005; WALDRON, 2009). Este quadro agudo pode progredir para a formação de porosidade do osso alveolar e fragilização ou destruição de grande parte da sua estrutura levando à perda da estrutura óssea de sustentação do dente e conseqüentemente a esfoliação do dente em si (MANN e HUNT, 2005). No indivíduo proveniente do Sítio Cucuíra, o processo infeccioso parece ter seguido o curso completo, com a formação de dois abscessos (>3 mm) no ápice das raízes mesial e distal do primeiro molar inferior esquerdo, a formação de duas fístulas, fragilização da parede alveolar e perda *ante-mortem* do dente.

Além de possivelmente doloroso, este tipo de patologia constitui um risco sério à saúde do indivíduo, com possível disseminação hematogênica e complicações por infecções em diferentes partes do esqueleto (ORTNER, 2003). Este risco é especialmente relevante em um período anterior ao desenvolvimento e/ou em sociedades sem acesso a medicações antibióticas. Pela incipiente remodelação óssea na região da lesão, presume-se que, no caso aqui discutido, a lesão tenha ocorrido em período próximo ao óbito.

O trabalho de escavação em contexto laboratorial e o estudo bioarqueológico dos materiais recolhidos, possibilitou também a recolha de informações importantes no âmbito da Antropologia Funerária deste sítio, permitindo inferências sobre o gestual funerário dispensado aos remanescentes humanos ali inumados. Pode-se afirmar que se trata de uma inumação secundária individual dos remanescentes provenientes de provavelmente um único indivíduo adulto robusto.

A falta de marcas ativas de remoção de tecidos moles e a ausência de ação de macrofauna necrófaga, leva-nos a propor que o gestual funerário provavelmente envolveu o descarnamento passivo do corpo em outro local, que não o da sua deposição final, durante o período de inumação primária. Em sequência, o indivíduo foi exumado e reenterrado. Tal prática disseminada por diferentes grupos indígenas amazônicos está documentada tanto etnograficamente quanto arqueologicamente (NIMUENDAJÚ, 1948b e 1948c; STEWARD e MÉTRAUX, 1948; CARNEIRO DA CUNHA, 1978; CHAUMEIL, 2012) inclusive para outros sítios Marajoara (MEGGERS e EVANS, 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004 e 2008).

A ausência de partes específicas do esqueleto não pode ser explicada por preservação pós-deposicional diferencial já que elementos frágeis foram recuperados deste contexto, estando bem preservados dentro da urna. A manipulação e o revisitar dos enterramentos na cultura Marajoara, mesmo na sua fase secundária é sugerido tanto por Meggers e Evans (1957) quanto por Schaan (2001 e 2004). O registro final do contexto funerário em questão sugere que, caso se trate de ossos provenientes de um único indivíduo, houve provavelmente uma seleção intencional de quais ossos comporiam a deposição final e em que relação com o invólucro cerâmico.

A maioria dos ossos selecionados para a segunda inumação foi depositada dentro da grande urna funerária coberta por opérculo, enquanto o crânio e a mandíbula em articulação (provavelmente pertencentes ao mesmo indivíduo) foram depositados ao lado da urna e provavelmente em contato direto com o solo. Este caso difere da maioria dos enterramentos Marajoara: inumação indireta, *i.e.*, em urnas cerâmicas, quer seja de ossos ou cinzas em contexto secundário ou de cadáveres em inumação primária (MEGGERS e EVANS, 1957; ROOSEVELT, 1991; SCHAAN 2004 e 2008). *A priori* não podemos classificar esta como uma inumação estritamente direta, uma vez que parte dos ossos estava contida na urna. Na realidade, a confirmar-se a hipótese destes ossos pertencerem ao mesmo indivíduo, esta constitui uma inumação com duas modalidades distintas de deposição final aplicadas ao esqueleto craniano (deposição secundária direta), e de parte do esqueleto pós-craniano – deposição secundária indireta de uma seleção de ossos dentro de contentor cerâmico.

Chaumeil (2012) e Beltrão e coautores (2015) apontam para uma tendência de muitos grupos indígenas amazônidas de proibirem o contato direto entre o cadáver ou os remanescentes humanos e o solo. Neste sentido, a inumação em algum tipo de contentor (urna funerária, envoltos em redes, esteiras, cascas de árvores ou dentro de canoas) seria a opção mais ortodoxa e comum. Contudo, o crânio e mandíbula do indivíduo exumados no Sítio Cucuíra não parecem ter sido depositados em nenhum tipo de contentor (pelo menos que se tenha preservado). Não se pode excluir, contudo, a possibilidade de que o crânio e a mandíbula estivessem envoltos em algum tipo de contentor perecível (cestaria, tecido, casca de árvore) do qual não se tenha preservado qualquer evidência macroscópica.

O uso de pequenas vasilhas como objetos acessórios do pacote funerário é uma prática recorrente na Amazônia para diferentes populações (LOWIE, 1946; MÉTRAUX, 1947 e 1979; NIMUEN-DAJÚ, 1948a), funcionando como contentores de depósitos votivos de comida e bebida durante o ritual de inumação. Em contextos funerários Marajoara, tais deposições aparecem em diferentes sítios, geralmente acompanhando enterramentos da elite (MEGGERS e EVANS, 1957; SCHAAN, 2004). A deposição do crânio ao lado das vasilhas votivas remete para uma possível objetificação dessa peça óssea.

A recolha de partes do corpo de inimigos em batalha é uma prática comum entre grupos amazônicos desde o sopé dos Andes à Foz do Amazonas e a cabeça (frequentemente mumificada) ou o crânio são elementos favorecidos como troféus de guerra entre povos de diferentes origens étnicas e linguísticas. Esta prática foi documentada entre os Juruna, Shipaya, Curuaya, Mundurucu, Jivaro, Capanahuá, Maué, Awishira e Arara (NIMUENDAJÚ, 1948b e 1948c; STEWARD e MÉTRAUX, 1948; CHAUMEIL, 2012). Entre alguns grupos como os Maué do Baixo Xingu ou os Awishira do Peru, os crânios eram usados como vasos a partir dos quais bebiam os vencedores das guerras por captura de inimigos e troféus.

Chaumeil (2012) faz uma clara distinção entre o uso de partes do corpo dos ancestrais e o uso de troféus de partes do corpo de inimigos entre grupos amazônicos. Embora ambos sejam regulados por normas de ritual, os primeiros mantêm a identidade e/ou filiação familiar ou grupal, mesmo que sejam usados como objetos (propiciatórios, divinatórios, xamânicos etc.), enquanto os segundos perdem completamente a identidade. Ao final do uso ritual, as partes do corpo dos ancestrais normalmente recebem um funeral formal, enquanto os troféus são dados, vendidos ou descartados. O caso aqui reportado não parece constituir um descarte. O crânio foi posicionado alinhado aos vasos votivos num arranjo que dificilmente seria aleatório. A composição sugere uma equivalência de função entre uns e outros sendo este o primeiro registro deste tipo de arranjo para a Cultura Marajoara a que temos conhecimento.

CONCLUSÕES

A cerâmica utilizada para esta deposição, bem como o restante do acervo do Sítio Cucuíra atesta a sua filiação ou pelo menos relações próximas à rede de sítios secundários Marajoara distribuídos pelo leste da Ilha de Marajó. Longe do centro político da cultura Marajoara, localizado nas savanas da parte centro-leste da ilha, este sítio pode ter sido uma vila de importância secundária nos limites sudeste do território Marajoara.

O enoval funerário composto por cerâmica refinada, algumas peças com decoração elaborada (inclusive no que se refere à urna funerária e sua tampa) podem ser indícios de pertença do indivíduo inumado na urna à elite local.

Não podemos excluir a possibilidade de o crânio e mandíbula não pertencerem ao mesmo indivíduo cujos ossos foram depositados na urna funerária, mas que se trate de ossos provenientes de outro indivíduo. Nesse caso, se justificaria ponderar a possibilidade desse conjunto osteológico

integrar o pacote de oferendas votivas ao defunto depositado no interior da urna funerária. O fato da deposição do crânio e mandíbula ocorrer em alinhamento com vasos votivos do enxoval funerário sugere uma sinonímia entre eles: tanto os objetos quanto o crânio estariam num mesmo nível sintático na mensagem expressa por este contexto intencionalmente elaborado. A objetificação de partes do esqueleto pode estar relacionada à prática de ostentação de partes do corpo do vencido pelo vencedor nos eventos de violência promovidos pela guerra. Apenas a análise de compatibilidade genética ou química entre os ossos contidos na urna e aqueles depositados em seu exterior poderiam eventualmente esclarecer se de fato são ou não pertencentes a um único indivíduo.

São necessários futuros trabalhos sobre contextos funerários deste sítio e de outros nas imediações para tentar verificar se este padrão de enterramento é uma exceção à norma local ou se existem outros exemplos desse tipo de tratamento funerário entre as comunidades ceramistas pré-coloniais que ocuparam a região imediata do Cucuíra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALQAHTANI, S.J.; HECTOR, M.P.; LIVERSIDGE, H.M. Brief communication: the London atlas of tooth development and eruption. *Am. J. of Phy. Anthropology*, New Jersey: Wiley, v. 142, n. 3, p. 481-490, 2010.
- BELTRÃO, J.F.; LOPES, R.; CUNHA, M.; MASTOP-LIMA, L.; DOMINGUES, W.; TOMÉ, T. Vida e Morte entre Povos Indígenas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n.1, p. 206-238, 2015.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. *Os Mortos e os Outros – uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Índios Krahó*. S. Paulo: Ed. Hucitec, 1978.
- CHAUMEIL, J.P. Bones, Flutes and the Dead: Memory and Funerary Treatments in Amazonia. IN: FAUSTO, C. and HECKENBERGER, M. (Eds). *Time and Memory in Indigenous Amazonia – Anthropological Perspectives*. Gainesville: Univ. Press of Florida, 2012, p. 243-283.
- CUNHA, C. A História Escrita nos Dentes do Goeldi: Antropologia Dentária e Afinidades Biológicas de Populações Amazônicas. *Projeto de pesquisa. Museu Paraense Emílio Goeldi*. Manuscrito. 2015.
- HERRMANN, B.; GRUPE, G.; HUMMEL, S.; PIEPENBRINK, H.; SCHUTKOWSKI, H. *Praehistorische Anthropologie*. Leitfaden der Fels- und Labormethoden. Berlin: Springer Verlag, 1990.
- HILLSON, S. *Dental Anthropology*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996.
- KÄMPF, N; WOODS, W; KERN, D.C.; CUNHA, T.J. Classificação das Terras Pretas de Índio e Outros Solos Antrópicos Antigos. IN: TEIXEIRA, W.G.; KERN, D.C.; MADARI, B.; LIMA, H.; WOODS, W. (Org.). *As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e Uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas*. 1ª Ed. Manaus: EDUA, 2010, p. 87-102.
- KNÜSEL, C. J.; ROBB, J. Funerary taphonomy: An overview of goals and methods. *J. of Arch. Science Reports*, Amsterdam: Elsevier, v. 10, p. 655-673, 2016.
- LISBOA, P. L. B. *A Terra dos Aruã – uma História Ecológica do Arquipélago do Marajó*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2012.
- LOWIE, R.H. The Northwestern and Central Gê. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Marginal Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 1, 1946, p. 477-518.
- MANN, R.W.; HUNT, D.R. *Photographic Regional Atlas of Bone Disease: a Guide to Pathologic and Normal Variation in the Human Skeleton*. Springfield: Charles Thomas Publisher, 2005.
- MEGGERS, B., C. EVANS. *Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 167, 1957.
- MEGGERS, B., C. EVANS. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South América. IN: LOTHROP, S. (Org.). *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge: Harvard University Press, 1961.
- MÉTRAUX, A. Mourning Rites and Burial Forms of the South American Indians. *América Indígena*, México, v. VII, n. 1, 1947.
- MÉTRAUX, A. *A Religião dos Tupinambás e suas Relações com as Demais Tribos Tupi-guaranis*. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 1979.

- MORGAN, J. Observable Stages and Scheduling for Alveolar Remodeling Following Ante Mortem Tooth Loss. Tese para a obtenção do grau de Doutor em Ciências Naturais. Johannes Gutenberg Faculty, Univ. Mainz. Manuscrito, 2011.
- NIMUENDAJÚ, C. The Mura and the Pirahá. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948a, p. 155-170.
- NIMUENDAJÚ, C. Tribes of the Lower and Middle Xingu River. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948b, p. 213-244.
- NIMUENDAJÚ, C. The Maué and Arapium. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948c, p. 245-254.
- ORTNER, D.J. *Identification of Pathological of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains*. 2ª Ed. New York: Academic Press, 2003.
- ROOSEVELT, A. C. *Moundbuilders of the Amazon – Geophysical Archaeology on Marajó Island*. Cambridge: Academic Press, 1991.
- SCHAAN, D. P. Into the labyrinths of Marajoara pottery: status and cultural identity in an Amazonian complex society. IN: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. G. (Eds.) *The unknown Amazon: nature in culture in ancient Brazil*. Londres: British Museum Press, 2001, p. 108-133.
- SCHAAN, D. P. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara. *Rev. Arqueologia*, Pelotas, v. 16, p. 31-45, 2003.
- SCHAAN, D. P. *The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Faculty of College of Arts and Sciences, University of Pittsburgh, Pittsburgh, EUA. Manuscrito. 2004.
- SCHAAN, D. P. The nonagricultural chiefdoms of Marajó Island. IN: SILVERMAN, H. e ISBELL, W.H. (Eds.). *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008, p. 339-348.
- SCHAEFER, M.; BLACK, S.; SCHEUER, L. *Juvenile Osteology: a Laboratory and Field Manual*. Amsterdam: Elsevier, 2009.
- SCOTT, G.R. Dental Anthropology. IN: DULBECCO, R. (Ed.). *Encyclopedia of Human Biology*. Cambridge: Academic Press, v. 3, 1997, p. 175-190.
- SILVA, A.M. *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Portuguesas (Litorais) do Neolítico Final/Calcolítico*. (Dissertação) Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2002.
- SMITH, B.H. Patterns of Molar Wear in Hunter-Gathers and Agriculturalists. *Am. J. of Phy. Anthropology*, New Jersey: Wiley, v. 63, n. 1, p. 39-84, 1984.
- SOUZA, S.M. de; RODRIGUES-CARVALHO, C. 'Ossos no chão': para uma abordagem dos remanescentes humanos em campo. *Bol. do Mus. Paraense Emílio Goeldi*. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 551-566, 2013.
- STEWARD, J.H.; MÉTRAUX, A. Tribes of the Peruvian and Ecuadorian Montaña. IN: STEWARD, J.H. (Ed.). *Handbook of South American Indians – the Tropical Forest Tribes*. Washington: Smithsonian Inst., Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, v. 3, 1948, p. 535-656.

- VEIGA E SILVA, W.F.; BARBOSA, L.A.S.; SANTOS, M.F.S. Programa de Salvamento Arqueológico da Área de Influência da LT Marajó, Sítios Cucuíra e Praia de São Pedro, Município de Ponta de Pedras – PA. *Inside Amazônia Consultoria Científica*. Relatório Técnico. Manuscrito. 2017.
- WALDRON, T. *Paleopathology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- WESOLOWSKI, V. Cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: É possível comer amido e não ter cárie?. Tese apresentada ao Departamento de Endemias Samuel Pessoa, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ para obtenção do grau de Doutor em Saúde Pública. Manuscrito. 2007.
- WESTON, D.A. Investigating the specificity of periosteal reactions in pathology museum specimens. *Am. J. of Phy. Anthropology*, New Jersey: Wiley, v. 137, p.48-59, 2008.
- WHITE, T.; BLACK, M.T.; FOLKENS, P. *Human Osteology*. 3ª Ed. Cambridge: Elsevier Academic Press, 2012.